

A Academia Está Na Rua

Manuela Ribeiro Sanches (org.)

Descolonizações. Reler Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois no Séc.XXI

Lisboa: Edições 70, 2018.

Chegou um tempo bom para os estudos pós-coloniais. Há muito que não tínhamos uma obra tão próxima de uma língua objetiva e concreta, que nos aproximasse de um mundo humano que nos ligasse às nossas experiências culturais e sociais mais terrenas. Quero com isto dizer que o presente livro *Descolonizações. Reler Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois no Séc. XXI*, organizado por Manuela Ribeiro Sanches é, claramente, um livro orientado para um pensamento de um pós-colonialismo do quotidiano, que o leitor menos acostumado a uma escrita e linguagem intrincadas e fechadas concetualmente pode absorver, compreender e identificar-se com os temas e leituras que os autores compilados neste livro assumem.

Logo à partida, gostaria de saudar o texto introdutório que merecia a designação de ensaio, porque assume-se como um texto crítico, investindo no leitor desafios que animam e instigam uma reflexão viva sobre, por um lado, uma Europa enfraquecida e a debater-se com problemas internos graves sociais, políticos e culturais; e, por outro lado, sobre uma Europa a quem devemos perguntar: é possível pensar a descolonização sem trazer para o mesmo debate o projeto da modernidade, da narrativa da violência colonial e o nascimento de muitos e diversos hibridismos como o encontro entre culturas, povos, saberes, crenças e identidades? Acrescento, como pensar a descolonização? Manuela Ribeiro Sanches com ponderação responde a estes questionamentos concentrando a atenção do leitor nas seguintes observações: “há que considerar os processos de constituição discursiva desses espaços que nunca estiveram totalmente separados, caracterizando-se, antes, por constantes processos de hibridação – umas vezes tão celebrados, outras, depressa esquecidos, em nome de questões de identidade, ainda e sempre associadas a temas de segurança e vigilância, face a um terrorismo não só, mas também, mais imaginário do que real – que definem o mundo comum que habitamos” (Sanches, 2018:10). Este é o momento

pilar e certo da discussão deste livro: discernir e verdadeiramente assumir a factualidade de que a Europa não pode ser mais umbilicalmente entendida sem a reflexão de si mesma com o imaginário e vivência de centro e de periferia, que ela mesma, através de todo o seu projeto de modernidade, de progresso e de civilização, criou e que a ultrapassou pela sua magnitude, pujança e descontrolo da sua realidade e da de outros povos. Esse outro rosto da modernidade é o retorno, a mescla visível e insofismável de que a Europa é também todos os outros mundos humanos e culturais que a fascinaram, atormentaram, que com ela lutaram as guerras de poder, que com ela debateram o imperialismo, o colonialismo, o menosprezo identitário e cultural, a recusa frontal dessa perversa e ominosa construção do 'Outro' como ser inferior, subdesenvolvido e castrado de civilização à luz de uma modernidade que, na verdade, só pode pensar-se e descolonizar-se desta maneira e: "dito de outro modo: descolonizar não tem de equivaler a dispensar a «Europa», desde que esta seja entendida em sentido lato, não reduzida a um mero espaço geográfico, o «Ocidente», mas incluindo outros contributos e histórias partilhadas" (Ibidem, 2018:11).

Mas, a outra metade da verdade também importa e exige a sua existência, é que os outros mundos humanos, sociais e culturais não podem rasurar da sua autoridade de memória e da narração da sua História a presença desta Europa, que constantemente dialoga, desafia e marca presença nesse pensamento crítico, reflexivo e histórico das nações que pugnaram pelas suas liberdades políticas, ontológicas e morais. Nesse sentido, este livro mostra muito concretamente ao longo dos seus vários textos que a descolonização não pode passar por ser um exame de consciência de uns com atribuição de privilégios e de dádivas para outros. No mesmo lugar da consciência humana, no trajeto histórico partilhado na construção das nações e sociedades contemporâneas um traço é indelével e incontornável: nada se fez por magia solitária; em torno da grande história do colonialismo, não obstante, os espaços amargos, duros, hediondos desta experiência, temos um dever de memória de pensar que a humanidade se fez e se alimentou de interações humanas, que necessitam no nosso presente de um pensamento aberto à inclusão de diferentes modos de leitura do passado e os legados desse passado; de um pensamento constante, vigilante, arguto e capaz de entender, como bem observa Manuela Ribeiro Sanches, que esta tarefa: "é a tarefa a prosseguir, sempre, porque sempre inacabada" (Sanches, 2018:19).

Por que ler Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois no século XXI? Exatamente, porque o passado está sempre ao lado do nosso presente, interfere nos momentos

vários das esferas das nossas sociedades contemporâneas. Acima de tudo, porque estes autores foram homens de um tempo de luta, de lutas perante a hegemonia do projeto da modernidade perante um aberrante trabalho de negação e de menosprezo dos seus semelhantes. Porque foram homens, embora em diferentes espaços geográficos e com agendas de trabalho ricamente diferentes mas complementares, que pelo seu compromisso com o seu tempo histórico, social e moral se debateram e recusaram a narrativa da subalternidade, da submissão, da prisão da dignidade humana do ‘Outro’ imposta por uma crença em que: “o colonialismo baseava-se no pressuposto de uma civilização superior que tinha por missão a sua disseminação para benefício dos colonizados” (Sarr, 2018: 43¹).

Os textos que albergam os pensamentos de Amílcar Cabral, Césaire e de Du Bois são reflexões de uma profícua partilha, no sentido, em que permitem através da mão que escreve e do pensamento que dita, percorrer os caminhos e os fios da memória histórica, dos desafios encontrados, sentidos, ganhos e perdidos que homens e cidadãos da sua história como Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois vivenciaram e expulsaram do seu âmago a partir dos seus textos, dos seus poemas, das suas reflexões e das suas práticas profissionais. Uma grande contribuição deste livro é, claramente, a reunião de autores cujas biografias e percursos de vida marcam o tom e o compromisso com o tema escolhido e que resultam, harmoniosamente, num dever de memória. Aprecio esta riqueza e diversidade cultural dos autores, a idiossincracia marcadamente geracional que traz para esta obra um entendimento salutar sobre a relevância da memória e, também, da pós-memória no que diz respeito a uma revisão, reinterpretação e reaproximação a um passado sempre constante e presente. Lembra-me, por exemplo, as observações de Simone Browne, em *Dark Matters* quando observa que: “the historical, the present, and the historical present – can help social theorists understand our contemporary conditions (...)” (Browne, 2015: 8²).

Apenas uma observação ao livro que não é uma crítica, mas antes um detalhe que poderia ter sido acautelado. Os textos não têm o mesmo espaço em termos de ocupação de páginas e, nesse sentido, teria sido mais graciosa uma aritmética igual ou aproximada no que toca a este equilíbrio textual.

Retomo as palavras iniciais. Este é um livro onde se sente a academia e o pensamento académico de mãos dadas com o tempo presente do quotidiano de todos aqueles que direta ou indiretamente viveram o passado colonial e que sentem e experienciam os legados desse passado no tempo da era pós-colonial. Mas, o pós não pode ser só rótulo de revisão e de releitura, tem de ser sinónimo de

compromisso cívico e moralmente comprometido com um olhar atento e saudável da História mesclada e partilhada entre ‘Nós’|Eles e ‘Eles’|Nós. *Descolonizações* manifesta e celebra esta vida e esta presença da academia na rua. Uma academia fora das torres da elite intelectual; uma academia que não escreve em nota de rodapé a sua responsabilidade académica que é civismo e respeito.

NOTAS

1. Sarr, Felwine (2018), “Repensar a economia lendo Césaire”. In Sanches, Manuel Ribeiro (org.), *Descolonizações. Rer Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois no Séc.XXI*. Lisboa: Edições 70, pp. 37-50.
2. Browne, Simone (2015). *Dark Matters. On the Surveillance of Blackness*. Durham: Duke University Press.

SHEILA KHAN é investigadora de pós-doutoramento no projeto EXCHANGE (2015-2020), financiado pelo European Research Council (Grant agreement 648608) e baseada no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.